

**PRECARIEDADE, SOLIDÃO E DESINTEGRAÇÃO  
EM *O MUNDO INIMIGO*, DE LUIZ RUFFATO**

**PRECARIOUS, LONELINESS AND DISINTEGRATION  
IN *O MUNDO INIMIGO* BY LUIZ RUFFATO**

SOUSA, Camila Galvão de  
SIGUEIRA, Joelma Santana

**RESUMO:** O presente trabalho analisa a trajetória de vida da personagem Zé Pinto nas narrativas de *O mundo inimigo*, de Ruffato, com objetivo de discutir aspectos importantes sobre o mundo do trabalho na ficção. Como destacou Candido, a vida da personagem do romance depende da economia da obra, pois relaciona-se diretamente aos demais elementos que a constituem. A trajetória de Zé Pinto está relacionada a de demais personagens e a análise pretendida permite discutir as temáticas da precariedade, da solidão e da desintegração, também relacionadas à forma romanesca.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance brasileiro contemporâneo, Personagem de ficção, O trabalhador na literatura, Literatura e sociedade.

**ABSTRACT:** The present work analyzes the life trajectory of the character Zé Pinto in the narratives of *O mundo inimigo*, by Ruffato, aiming to discuss important aspects about the world of work in fiction. As Candido pointed out, the life of the novel's character depends on the economy of the work, as it relates directly to the other elements that constitute it. The trajectory of Zé Pinto is related to that of other characters and the intended analysis allows to discuss the themes of precarious, solid and disintegration, also related to the romance form.

**KEYWORDS:** Contemporary Brazilian Romance, Fiction character, The worker in literature, Literature and society.

A primeira edição de *O mundo inimigo*<sup>1</sup> foi publicada em 2005 pela editora Record e corresponde ao segundo volume do projeto literário *Inferno Provisório* de Luiz Ruffato<sup>2</sup>. O romance é constituído por doze narrativas-capítulos, cujos títulos são respectivamente, “Amigos”, “A demolição”, “O barco”, “A solução”, “A mancha”, “Jorge Pelado”, “Ciranda”, “Paisagem sem história”, “A danação”, “A decisão”, “Um outro mundo” e “Vertigem”, sendo que algumas delas são subdivididas. A denominação narrativas-capítulos se refere ao fato de poderem ser lidas isoladamente sem perderem vínculos em relação, principalmente, ao espaço e à trajetória das personagens, constituindo, portanto, um romance-mosaico, que demanda diversas leituras atentas para que as conexões entre essas narrativas sejam percebidas.

As narrativas-capítulos de *O mundo inimigo* se associam, fundamentalmente, por dois pontos: o estrato social das personagens, que pertencem à classe trabalhadora, e o espaço central, que é o Beco do Zé Pinto, situado no bairro Vila Teresa em Cataguases. Essas duas questões estão relacionadas pois, a partir do empreendimento de Zé Pinto, que oferece, além de moradia, condições materiais em diferentes níveis para subsistência de seus inquilinos trabalhadores, é que ocorre a interação entre as personagens que são apresentadas por diferentes perspectivas no decorrer do romance. Através do Beco, também é possível observar, a partir das impressões das personagens, a transformação do espaço urbano para atender às necessidades de uma sociedade de trabalhadores em formação ou às demandas políticas e sociais ocasionadas pelos processos de urbanização e industrialização.

Em *O mundo inimigo* a presença de um narrador em terceira pessoa é recorrente. No entanto, não é possível afirmar que seja apenas um no conjunto das narrativas do romance pois, além de não explicitar a relação entre os doze capítulos, o narrador (ou os narradores) se comporta(m) de diferentes maneiras para acompanhar as trajetórias das personagens, permitindo que eles falem por si sem a interferência desse(s) narrador(es), e, inclusive, alterando as estruturas frasais e da narrativa. Ou seja, a narração não ocorre fixa em apenas uma personagem e, portanto, não há nenhuma protagonista, pois cada narrativa-capítulo focaliza um núcleo de personagens. Trata-se de uma opção ética e estética de Luiz Ruffato, que coloca em destaque identidades não narradas com frequência pelos escritores brancos brasileiros contemporâneos, como aponta pesquisa coordenada por Regina Dalcastagnè (2012).

---

<sup>1</sup> Em fevereiro de 2017, o filme *Redemoinho*, baseado nas narrativas de *O mundo inimigo*, estreou no cinema brasileiro, sob a direção de José Luiz Villamarim.

<sup>2</sup> A nova edição do *Inferno Provisório* foi lançada em 2016 pela Companhia das Letras, reunindo os cinco romances em um único volume revisado, reescrito e reestruturado pelo autor.

Também não há uma organização temporal linear no romance, nem uma delimitação de início e fim, embora a decadência do Beco ocorra na última narrativa. Em diversos momentos, há espaços em branco, reticências, alterações de tipo de fontes e marcações em itálico e negrito que demarcam, principalmente, fluxos de consciência, reminiscências, reflexões, sonhos, diálogos e vozes das personagens, ou ainda um domínio precário da linguagem por parte de determinada personagem. Muitas vezes, não é possível identificar claramente, apenas supor, a voz que narra.

No início do ensaio “A personagem do romance”, Antonio Candido (2007, p. 53-4), ao tratar a inter-relação entre enredo e personagem, escreveu que “enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam”. Em *O mundo inimigo*, esse aspecto pode ser observado na fragmentação da narrativa e na trajetória de vida de Zé Pinto que, não atuando como o protagonista, ainda assim tem relevância no conjunto das narrativas pelo fato de ser o proprietário do espaço que congrega a maioria das demais personagens, o Beco. A trajetória de Zé Pinto torna-se exemplar para os demais personagens por concentrar os temas da precariedade, da solidão e da desintegração, representados também pelo próprio Beco e pela forma romanesca. Zé Pinto surge já na primeira página de *O mundo inimigo*, quando Luzimar, na véspera do Natal, em “Amigos”, pensa em possibilidades para conseguir comprar um presente de Natal para Soninha, sua esposa, comprometendo, assim, o décimo terceiro salário a ser recebido ao adquirir uma quantia emprestada, indicando as leis trabalhistas já vigentes, conforme demarcações em itálico no romance:

(...) *levar alguma coisa pra Soninha tenho de arrumar dinheiro*, sobe a Rua do Comércio (luzinhas emaranham as vitrinas, um esbaforido papai-noel se desdobra rôu-rôu-rôu vermelho), *seu zé pinto quem sabe o décimo-terceiro ela merece*, ansioso cruza a Ponte Nova (o Rio Pomba gordo embaixo), *ah merece coitada depois depois eu dou um jeito*, duvidoso transpõe a Pracinha (moleques zonzaiam uma bola dente-de-leite), *será que ele empresta?*, entra, na Vila Teresa, *assino promissória, com efeito!* (RUFFATO, 2005, p. 15, grifos do autor)<sup>3</sup>.

Ao encontrar-se com Dona Marta, mãe de Gildo e Gilmar, Luzimar relembra: “A gente morava ali, no Beco do Zé Pinto” (p. 15), já que ela há anos morava ao lado do Beco, vizinha

---

<sup>3</sup> Todas as citações de *O mundo inimigo* foram extraídas da edição de 2005 publicada pela editora Record.

de muro. Luzimar, nessa narrativa, anos depois, entre dez e onze da mudança do Beco e casado com Soninha, revela que se tornou um operário frustrado em Cataguases, que sua mãe continuava como lavadeira e que Hélia se casou e teve três filhos, contrariando seus sonhos adolescentes, bem como as expectativas de seu pai. Já no início da narrativa-capítulo, ao encontrar-se com Gildo, um amigo de infância que não encontrava há anos, Luzimar “(...) esfrega a graxa seca dos dedos no forro do bolso, espana os minúsculos fiapos de algodão agarrados nos cabelos, na camisa, na calça” (p. 16) e, ao contar como seguiu sua vida em Cataguases como operário da Manufatora, no setor de embalagens, revela os vestígios de sua rotina na fábrica em seu corpo através de pequenas atitudes: “Não tenho mais força nas mãos... o reumatismo...” (p. 17).

Na segunda narrativa, “A demolição”, em que o núcleo focalizado ainda é o de Dona Marta e sua família, o Beco é referenciado a partir de memórias, para antecipar acontecimentos de outro núcleo narrativo: a morte de Marquinho, filho de Bibica, em frente à venda do seu Antônio Português.

Hélia, irmã de Luzimar, ainda adolescente e moradora do Beco, apresenta seu cotidiano estressante na fábrica logo no início de “A solução”, quarta narrativa-capítulo do romance:

Hélia vigiava aflita a entrada da seção. Todos já tinham sido rendidos, *e a Júlia que não chega! que ódio! que ódio!* O avental de pano cru enrolado na mão direita, várias vezes levava a unha do fura-bolo à boca para roer, mas lembrava do esmalte, do esmalte vermelho, não queria lascar, tinha que durar até sábado... O ronco rouco dos teares redemunhava em seus ouvidos, *onde foi parar aquela vaca? vaca! piranha! Ai vou acabar perdendo o ônibus!* (...) arrancou o lenço da cabeça, passou pela companheira, nem oi disse, envenenou-a com a peçonha de seus olhos (...) Hélia penteou os cabelos curtos, noturnos, e espanou os fiapos de algodão que se agarravam na blusa de fustão azul e na minissaia branca. No pátio vazio, seu corpo arrupiu com o bafo quente, *porcaria! Vou acabar constipando de novo.* Bateu o cartão-de-ponto (...) (p. 63, grifos do autor).

Insatisfeita com sua condição social, “*ai meu deus como estou cheia disso tudo! como estou cheia*” (p. 64), a rotina de Hélia, que, além de estressante, é repetitiva, entre a casa (Beco) e o trabalho (Fábrica), salvo alguns momentos de lazer com as amigas e pretendentes a namorado, é revelada insistentemente pelo narrador e sem perspectivas de mudanças:

(...) ligar o rádio, almoçar sem vontade, tomar um gole de café requentado, deitar na cama, mastigar os minutos à espera da hora de voltar para a fábrica, pegar o ônibus, apeiar, conversar rapidamente com uma ou outra colega, ouvir o apito, bater o cartão-de-ponto, e se enterrar novamente no ar úmido da tecelagem, todos os dias, todos os meses, todos os anos, até o fim dos tempos... (p. 70)

Na Fábrica, as ordens de seus superiores eram muitas: “(...) olho-vivo nos teares, cuidado com a lançadeira, cuidado com espula, cuidado para não arrebentar a auréola, cuidado, cuidado, cuidado!” (p. 68), e Hélia ainda sofria com assédios de seu contra-mestre, pelo fato de que “(...) precisa do emprego, fim do mês o pai contava com envelope pardo” (p. 67). Paralelamente aos acontecimentos da narrativa, em que Hélia conversava com suas amigas sobre assuntos diversos, há momentos em que ela, sozinha, reflete sobre tríade passado-presente-futuro, cujo passado é rememorado com base na perspectiva presente e, em contrapartida, o presente está marcado pelas ações passadas. Dessa forma, a moça idealizava um passado inexistente em busca de um futuro diferente: “Querida esquecer que tinha família, pais bocós, *ah, se pudesse enterrar o passado! Não, minha mãe morreu no parto, coitada, e meu pai quando eu tinha uns seis anos... Fui criada por uma parenta distante, muito rica...*’ Sim, era vergonha o que sentia, vergonha...” (p. 67, grifos do autor). E sonhava, portanto, como forma de escape, em encontrar um parceiro “ideal” (um homem rico e bonito, de acordo com sua perspectiva) para que não precisasse mais trabalhar e mudasse de vida, conforme passagem demarcada em itálico no romance e que não vai de encontro com as conquistas adquiridas pela mulher nos últimos tempos:

(...) *ah! O clube do remo deve de estar lotado ai meu deus quem me dera! mas quem sou eu? Bem que podia me aparecer um moço louro bem forte olhos azuis montado numa vespa prateada ‘Oi, meu anjo, pra onde você está indo?, Ah, é meu caminho, Sobe aí, eu te levo, Segura bem pra não cair, hein!’* (p. 63, grifos do autor).

Hélia, em “A solução”, que, no tempo da narrativa, ainda “morava naquele correio de casas de parede-meia, tristes, perto do rio...” (p. 67), descreve o espaço em detalhes a partir de sua perspectiva de insatisfação e desejo de mudança:

Não, não queria ir para casa, descer as escadas do beco, entrar na cozinha, o prato esmaltado quentando num cantinho do fogão-de-lenha, a mesa de compensado verde-escura coberta por uma toalha-de-plástico creme, as panelas pretas penduradas na prateleira, mosquitos dançando no ar, a mãe esfregando roupas no tanque (...) (p. 69).

Dessa forma, as características do Beco, gradativamente, começam a ter mais destaque na narrativa, pois a personagem também observa os sons do espaço em um sábado à tarde: “meninos de cócoras jogando biloscas; meninas brincando de queimada; a Bibica atrás do Marquinho! Ô Marquinho! Ah, se eu pego esse safado!; a música irradiada da casa da dona Olga; as corredeiras do Rio Pomba; conversa da Zazá com a Hilda, recolhendo a roupa do varal” (p. 64-65). No entanto, tal tranquilidade nem sempre predominava no Beco, pois, ainda em “A solução”, em um momento de reflexão, Hélia é interrompida por uma cena de violência entre marido e mulher, em que Zé Pinto consegue restabelecer a ordem:

Enlevada, ouve um berro, Vou te matar desgraçada!, e gritos, gritos histéricos, e barulho de vasilhas desabando no chão, um tapa, outro tapa, a mulher se desvencilha, corre para fora, as crianças choram, Larga a mãe, pai! Larga!, *É o Zé Bundinha, minha nossa senhora!*, o coração disparado, as pernas bambas, ele a alcança, Acudam, Acudam, que ele está me matando! Larga a mãe, pai, larga ela! Para, Zé Bundinha, para! Chama a polícia! Para, Zé Bundinha! Chama a polícia!, ele vai matar a dona Fátima! Hélia espia pela janela-veneziana. O Zito Pereira consegue imobilizar o Zé Bundinha numa chave-de-braço, ambos caem contra a cerca de bambu, o Zé Pinto aparece, revólver na mão, Quê que houve, aí, quê que houve?, as mulheres espantam-se, recomeçam os gritos e o choro, Pelo amor de deus, seu Zé Pinto, não carece disso não, Eu já falei que não quero bagunça por aqui, não falei?” (p. 71, grifos do autor).

Nesse momento, Zé Pinto começa a participar mais ativamente da narrativa, visto que não é apenas referenciado como o dono do Beco, mas sim como peça fundamental para o desenrolar de determinado acontecimento na trama, como no exemplo em destaque em que restabelece a ordem no local. E, a partir dessa narrativa-capítulo, é que o leitor vai percebendo a importância dele para a trajetória daqueles que vivem no Beco e montando as peças do romance-mosaico. Apesar de não ser herói do romance, Zé Pinto tem um papel importante nessa

constelação de narrativas, principalmente por ser o dono do Beco e o mantenedor da ordem no local, como também por exercer o papel de várias instituições com o objetivo de garantir o mínimo de subsistência de seus inquilinos.

As narrativas “A mancha”, “Jorge Pelado” e “Ciranda” apresentam o núcleo da personagem Bibica e seus três filhos, Zunga, Jorge Pelado e Marquinho. Além dos conselhos que Zé Pinto dava ao Marquinho, cuja morte, que também aconteceu no Beco já fora anunciada, é possível acompanhar alguns detalhes do espaço a partir do “vrum-vrum dele [Marquinho] subindo e descendo as escadas do beco” (...) (p. 75). Após brincadeiras diversas, o menino ainda aguardava o fim da movimentação para continuar suas estripulias: “Viu a Bibica e o Jorginho irem para a cama, ouviu os passos da Dusanjos do Alemão chegando do culto, os cochichos da Márcia, da Toninha e da Hélia voltando da praça, os tropicões do Zunga vindo da Ilha a desoras” (p. 75). As brincadeiras de Jorginho, Gildo e Luzimar, ainda crianças, também aconteciam pelo Beco, inclusive o episódio em que os policiais revelam o roubo praticado pelo primeiro que ocasiona em sua mudança repentina para o Rio de Janeiro, “cidade comedeira de gente” (p. 103), na perspectiva de Bibica, que lamenta por nunca mais encontrar com seu filho Jorginho.

Zé Pinto torna-se fundamental para a trajetória de Bibica, pois, após sair da Ilha (denominação do prostíbulo da cidade cujo atalho de entrada pertencia ao Beco), conquistou a confiança dele para alugar um cômodo, conforme narração a seguir de “Jorge Pelado” em que já é possível constatar as condições estabelecidas pelo proprietário aos seus inquilinos:

Envergonhada, foi conversar com o Zé Pinto, É, eu queria alugar um cômodo, já tenho prometidas umas lavagens de roupa, Olha, dona Bibica, eu alugo minhas casas pra qualquer pessoa, não quero nem saber se é de-família, desde que pague em dia o aluguel e a pena d’água, só tem uma coisa que eu não admito: fuá. Nada de briga, nada de senvergonheira, nada de safadeza, tem um cômodo vazio aí, sem força, se a senhora quiser eu puxo luz pra lá, mas aí encarece (...) (pp. 103-104).

Em “Ciranda”, mais um empreendimento de Zé Pinto é apresentado, um botequim, localizado no Beco: “Seu Zé Pinto armou a mesa-de-metal no passeio, em frente ao botequim, para jogar umas partidas de buraco” (p. 111). E, como forma de ganhar nas jogatinas, pagava Zunga pelas trapaças com tira-gostos e bebidas. Na conversa entre os dois, Zunga revela sua percepção sobre o Beco em que mora: “Rapaz, aquele beco é uma barulheira dos infernos. E os pernilongos? É um zunzun na orelha, que você não faz ideia” (p. 112). As descrições sobre a Ilha, cuja entrada alternativa era ligada por uma ponte de madeira ao Beco, surgem a partir

das histórias de Bibica, ex-prostituta, e de Zunga, frequentador assíduo de lá pela relação com Cidinha, cuja perspectiva é apresentada em “Paisagem sem história” e descreve: “(...) vêm a pé, de bicicleta, de vespa, até de automóvel vêm, cruzam, altaneiros, a pequena ponte-de-madeira esticada sobre o braço morto do Rio Pomba, carregando no bolso escondidas notas e gonorréia” (p. 129).

A trajetória de Bibica, portanto, é marcada pela saída da Ilha, onde era prostituta, para o Beco, onde tornou-se lavadeira e criou seus três filhos, conforme passagem a seguir:

Era uma mulher desiludida, quando largou a Ilha. Lavava roupa pra-fora, dinheiro curto, um aperto criar os dois filhos sozinha. A custo, arrumara aquele barraco no Beco do Zé Pinto, sem força, amontoados todos no mesmo cômodo, um frege! Sofria com a fama de perdida” (p. 77).

Enganada por Sr. Antônio Português (cujos assédios eram acompanhados por presentes), grávida e abandonada, arrumou mais lavagens de roupa: “Pra ajudar a distrair, a não pensar em besteira”. De manhã à noite na lida: lavava, esfregava, batia, enxaguava, quarava, estendia, secava, recolhia, passava, entregava. À noite, um sono de pedra” (p. 82). Seu filho Zunga, que não tinha emprego formal, pois era homem de confiança de Dr. Normando (influyente na cidade, casado com uma Prata) e ainda roubava Bibica de vez em quando, prometia ser uma pessoa “normal” para conquistar Cidinha:

Estou com medo, Cidinha... Queria ser uma pessoa normal... trabalhar na fábrica como todo mundo... ter uma família... domingo ir pro campo ver jogo, ir na missa, entende? Vamos casar, Cidinha? Eu mudo de vida. Amanhã mesmo acordo cedinho, vou na Manufatora fazer ficha, depois na Industrial, na Saco-Têxtil, na Irmãos Prata, você vai ver... De um lugar acaba saindo uma colocação... Aí eu tiro você daqui... A gente casa, de papel passado e tudo, que comigo não tem esse troço de amigar não, é tudo preto no branco... A gente compra um terreninho, levanta as paredes... Heim? Não vai ser uma beleza? (p. 121).

Em “Jorge Pelado”, narrativa subdividida em “Agonia” e “Lamentação”, a personagem Bibica, mais velha, aparece internada no Asilo São Vicente de Paula. O desequilíbrio mental e as alucinações dela, que sofria pela ausência dos filhos, transparecem até mesmo na linguagem

da narrativa, pois há a repetição dos primeiros períodos de cada parágrafo da segunda parte e uma estrutura fragmentada.

Zito Pereira, em “A danação”, após retornar a Cataguases, alugou um quartinho no Beco, onde começou uma nova vida e constituiu família. Vanim e Zazá, em “A decisão”, também, após o casamento. Além dos aluguéis, da pena d’água, do botequim, dos aconselhamentos, da ordem... em “A decisão”, Zé Pinto empresta dinheiro para Vanim ir em busca de seu sonho. Mas, como garantia do pagamento, os móveis foram empenhados:

Seu Zé Pinto fechou a porta do botequim, desceram as escadas do beco. Na meia-água inventariou: uma cama-de-casal (“Cupim! Isso é pó de cupim, Vanim!”), Isso é poeira, seu Zé, poeira!”); um colchão-de-capim (“Meio estragado”, “Muita função, seu Zé”); uma penteadeira com três gavetas (“Com tudo que tem dentro dela, um negócio!”); um crucifixo (“Bento, quem benzeu foi o bispo lá de Leopoldina”); um violão (“Um violão?, endoidou?, vender meu ganha pão?, pode abater da lista!”); um guarda-roupa (“As portas estão emperradas, dessa aqui caiu a lingüeta da dobradiça”, “Coisa fácil de arrumar, né, seu Zé?”); cinco gaiolas: dois coleirinhos (“Chué, chué, “Que nada, cantam que é uma beleza!”), um sabiá (“Uma dó ter que deixar ele seu Zé, uma dó!”), dois canários-da-terra. “Vamos na cozinha”: uma mesa-de-fórmica vermelha com duas banquetas (“Novinha, comprei não faz muito tempo”); duas prateleiras, “E a bicicleta?”, “Também! Pode fazer as contas”. Seu Zé Pinto rabiscou a folha com lápis, desfeitando aritméticas (p. 167).

Vanin, única personagem que anseia a arte em *O mundo inimigo*, é descrito da seguinte maneira, no início da narrativa-capítulo: “Fundas olheiras conquistadas em noites farristas, debaixo de janelas seresteiras, em riba de camas camaradas. Em seu favor, conste, não fumava, nem bebia, *Prejudica a raiz da voz*. Trabalhar sim, mas não de dar duro: biscateava; seu negócio era o bem-bom” (p. 147). Quando conheceu Zazá, apaixonaram-se. Ela, seu oposto:

Ela operariava na tecelagem da Industrial. Pela metade tinha largado a sexta série vespertina para ajudar na engorda do orçamento familiar, ela, a do meio de sete irmãos em escadinha. Ajuizada, rodar a praça era bestagem, gostava mais de se entocar para ler fotonovela, o rádio Semp no último volume, o mimi enrolado, cabeça-rabo na sua cama (p. 147).

Portanto, Vanin fez promessas para concretizar o casamento: “Falou para o pai dela, seu Zé do Carmo, que arrumava emprego decente, e logo-logo negaceava das lançadeiras na

Manufatora. Já já viro encarregado, o senhor vai ver” (p. 148). E assim fez. Casaram-se. Mas, o novo perfil de Vanin, cujo trabalho era a exigência para o casamento, durou por pouco tempo, já que não aguentava as exigências do mundo do trabalho. Para investir em seu sonho de seguir carreira de músico, Vanin articulou uma apresentação na rádio. Devido aos atrasos, perdeu o emprego na Fábrica, não havia possibilidade de conjugar as duas atividades: “O encarregado avisou, reavisou, treavisou. Vanim foi levando no bico: ganhou sobrevida. Mas já sabe: só tem mais um fôlego. *Perdeu hora de novo, tchau e bença! Lá fora está assim de gente querendo serviço! Uma fila!*” (p. 163, grifos do autor). Pensando na fama e no dinheiro, enganou Zazá, empenhou os móveis para Zé Pinto e, em busca de seu sonho, partiu para o Rio de Janeiro: “Caminhou devagar, sol forte de um domingo de novembro, da Ponte Nova avistou as piscinas inatingíveis do Clube do Remo, moças e rapazes se divertindo, invejou-os” (p. 165). O mundo do trabalho (dominante), para o operário Vanin, exclui totalmente do cotidiano as possibilidades artísticas.

Apenas na penúltima narrativa-capítulo, “Um outro mundo”, a trajetória de Zé Pinto, desde a idealização do beco até sua velhice, é contada efetivamente a partir de sua própria perspectiva, e, dessa forma, as relações entre todas as narrativas do romance são percebidas com mais clareza, pois seu núcleo específico é focalizado. Em “Vertigem” há uma continuidade da história de Zé Pinto, como também de seu Beco.

Na primeira cena de “Um outro mundo”, o narrador destaca um Zé Pinto menos ativo do que nas narrativas anteriores. Sozinho, viúvo, com mais de setenta anos e geladeira farta. E, a partir da perspectiva da personagem, que acabara de acordar, e observava a empregada, que lhe despertava desejos sexuais, e a televisão e o videocassete ainda ligados, cuja programação rotineira era “filmes de sacanagem” alugados, é possível conhecer mais detalhes de sua trajetória, bem como da transformação do espaço: “Às vezes acreditava que Deus escolhera para semente. Já passara muito dos setenta anos, o mundo dera tantas voltas!, e ele ali, firme, rijo, as juntas doíam de quando em quando, mais no inverno, mas era uma bobiça à-toa, a saúde de-ferro” (p. 173). Na narrativa, há uma mescla entre a manhã pacata de Zé Pinto e lembranças e reflexões sobre o passado, como também comparações com o presente.

Ao comentar sobre as voltas que o mundo dera, Zé Pinto vai enumerando situações que comprovam tais mudanças, além de reafirmar os indícios que as demais personagens forneceram sobre sua atuação como dono do Beco. Primeiro, afirma que “A putaria andava solta no mundo” (p. 173), como justificativa para não esconder mais os filmes que assistia. Também critica o fato de não possuir mais a autoridade de outrora, assim como fizera na briga entre Zé Bundinha e dona Fátima: “Um nome não impõe mais respeito. Antes, era falar Zé

Pinto, que a gente honesta e trabalhadora e os malandros e os vagabundos batiam o queixo” (p. 174).

Outra questão destacada pela personagem é a idealização e a materialização de seu sonho: O Beco, situado à margem esquerda do Rio Pomba, no bairro Vila Teresa, em Cataguases, que, nessa narrativa, ultrapassa a função de cenário e torna-se personagem. Ao afirmar que “Ninguém quer trabalhar, pegar no batente. Querem dinheiro na mão, sem suor. Os do beco o invejam, mas pensam que o que tem caiu do céu?” (p. 174), relembra de seus sacrifícios para empreender seu “cortiço”, trabalhando, ao mesmo tempo, nos teares da fábrica, cujo único objetivo era melhorar de vida. A ajuda e parceria de Dona Maria, sua esposa, já falecida, foi imprescindível:

Se a Maria fosse viva, poderiam perguntar como foi duro construir o correio de casas, uma a uma, com as próprias mãos, depois de um dia inteiro esfolando na fábrica. Ela debruçada em cima da máquina-de-costura, as pernas inchadas de tocar pedal, para ajuntar uns trocados e comprar um metro de areia, uma carroça de tijolo, um saco de cimento, uma partida de telhas-francesas, os tacos de madeira, a cal, bisnagas de tinta. Esfraqueceu a vista, com isso. E ele na labuta, pedreiro sem ser, suspendendo pouco a pouco o prumo de cada parede-e-meia; puxando luz, cômodo por cômodo, sem eletricitista ser (p. 174).

Nessa passagem, é possível perceber o diálogo de Zé Pinto com o João Romão, do romance de Aluísio Azevedo, tanto em relação à caracterização do espaço e da atitude de seu idealizador, quanto dos inquilinos atraídos pela construção e de suas necessidades. Em *O cortiço* (1890), o auxílio de Bertoleza, inclusive, também foi fundamental, mas em proporções diferenciadas e sem a devida consideração. O diálogo com o empreendimento de João Romão também é destacado pelo próprio escritor, em entrevista a Heloisa Buarque de Hollanda, ao comentar sobre a transição do primeiro para o segundo volume do *Inferno Provisório*, apontando a caracterização do Beco como cenário fictício central do romance:

*O mundo inimigo* já pega esse filho de imigrante se instalando numa pequena cidade, já morando num cortiço. O livro é muito baseado num cortiço e aí faço um diálogo explícito com o Aluísio Azevedo, que é um autor que acho importantíssimo e muito mal estudado. O Aluísio Azevedo consegue, no universo de um cortiço, falar de um Brasil que ia ser ainda, das relações todas precárias que ele consegue perceber já naquela época. E inclui também o proletariado, que é o pessoal da pedreira e o embate terrível entre o imaginário

rural, de onde eles tinham vindo e o novo imaginário já estava começando a se formar<sup>4</sup>.

Porém, as soluções de Luiz Ruffato para a construção de seu romance são bem diferentes. Enquanto Azevedo mantinha um projeto de narrativa realista-naturalista, as opções estéticas de Ruffato resultam em uma narração mais experimental, fato que reitera a renovação necessária do gênero romance.

Em *O mundo inimigo*, além do esforço exigido para a construção, há, no mesmo nível, a dedicação constante de Zé Pinto para a manutenção, conforme é possível observar na descrição da dinâmica de funcionamento do Beco:

Mas, para conter a corriola, teve que ser macho. Não pagou o aluguel? Descia as escadas revólver em punho, um Smith & Wesson niquelado, calibre 38, que até outro dia andava jogado numa gaveta da cômoda. O inquilino engrossou a voz? Pois salivava bem no nariz do turuna. E não viessem com engabelação, que era perito nos truques e mazelas da gentalha (pp. 174-175).

Portanto, Zé Pinto, por exemplo, expulsou muita gente que não conseguia arcar com o aluguel em dia, caracterizados em nível de extrema pobreza, mas não podia ser sentimental nessas horas, porque “Povoou as entreparedes para melhorar de vida, não para fazer bonito” (p. 175) e “Contava com o acerto no fim do mês” (p. 175). No entanto, “às vezes, quando botava a cabeça no trabesseiro, à noite, maginava aquele pessoal todo zanzando de um lado para o outro, encharcado de chuva, tremelicando de frio, a barriga roncando, mas minha nossa!, culpa sua?” (p. 174).

Para evitar problemas, sempre “anunciava, só mora quem pode arcar com o aluguel e a pena d’água” (p. 175). Em contrapartida, se empenhava com muito capricho: “Mudou alguém? Ia lá, pintava a casa inteirinha, recolocava no lugar algum taco solto, trocava as telhas que se tinham quebrado no último temporal (p. 175)”. Além disso, em épocas de enchente, sempre ajudava como podia, inclusive, dando abrigo temporário às vítimas. Mesmo com inúmeros pedidos e com o catolicismo de dona Maria, Zé Pinto não aceitava afilhados e justificava: “Assumisse uma responsabilidade daquelas, adeus autoridade! Como lidar com uma família

---

<sup>4</sup> RUFFATO, Luiz. “Literatura com um projeto”. Z cultura: Revista do programa avançado de cultura contemporânea, 10 mar 2006. Entrevista concedida a Heloisa Buarque de Hollanda e Ana Ligia Matos. Disponível em <<https://goo.gl/CV3SdF>>. Acesso em 03 mar 2016.

embrulhona, sendo padrinho de um barrigudinho?” (p. 176). Também não tiveram filhos, devido a uma doença sexualmente adquirida ainda na adolescência por Zé Pinto, apenas alguns sobrinhos espalhados. Entre os animais de estimação: os cães Xerife, Zoínho, Pretinha e um louro, tratados com muito cuidado e carinho.

Esse lado prático de Zé Pinto também evitou burocracias, pois, antes da morte prematura de Dona Maria, fez questão de passar os bens para seu nome:

O médico chamou ele num canto, na Casa de Saúde, falou, Sua esposa está com um câncer muito evoluído, nas últimas, já. Em casa, chorou feito um bezerro desmamado, lembrando aquelas coisas todas que a gente lembra quando alguém de quem gostamos muitos, de verdade, está indo, para sempre. No outro dia, dirigiu-se a um cartório, chamou o tabelião, entrou no quarto do hospital, sussurrou, Maria, o médico falou que, que você não tem, muito tempo mais, aí pensei, se não seria melhor, para evitar aborrecimento depois, você entende?, que a gente passasse as coisas pro meu nome (p. 176).

Além do Beco, construído a partir da percepção de Zé Pinto em relação às necessidades de uma classe trabalhadora em formação na cidade, outros empreendimentos auxiliavam seus inquilinos nas mais diferentes esferas do cotidiano, conforme exemplificações fornecidas até o momento pelas demais personagens, além de outras narradas pela perspectiva de Zé Pinto em “Um outro mundo”: um caminhãozinho para fazer mudanças que também fez excursões para Aparecida do Norte e o botequim que se tornou fliperama cujos empregados eram os próprios meninos do Beco. De vícios, somente a jogatina, que suplicava a Santa Rita de Cássia para não se render a tentação, além das “Novidades feminis da Ilha” (p. 184), sendo que, aos cinquenta anos, se apaixonou perdidamente por Valdira, cujo destino foi suicídio por envenenamento.

Dessa forma, assumindo um espírito capitalista e visionário, a personagem conseguiu se destacar na vizinhança, adquirindo bens materiais que causavam inveja e eram reaproveitados para gerar lucro:

O primeiro na rua a ter geladeira, quando ninguém nem sonhava com isso. A ter televisão, uma coisa tão importante que a janela ficava suja de gente espiando. A ter telefone, que até serviu para ganhar um dinheirinho extra, cobrando pelos recados que recebia e enviava. A ter fogão-a-gás, enceradeira, vespa, um luxo! Mas, para conquistar esses confortos todos, haja tino! E tutano (p. 181).

Ainda em “Um outro mundo”, a decadência de seu Beco é relatada a partir de suas próprias reflexões, em que avalia progressos e retrocessos de seu empreendimento: “As casas estão caindo aos pedaços, sim. Telhas rachadas. Reboco lascado. Piso desdentado. E a imundice? O mau cheiro percebe-se da rua. Mas, o que fazer? Está velho, não tem forças. O aluguel não rende mais nada. Mal dá para complementar a aposentadoria” (p. 178-179). Além disso, “O nível dos inquilinos caiu muito, Agora, no beco, só gente desgarrada. Sem eira nem beira. Desqualificada. Tem uns que vivem de passar tóxico, onde já se viu? Houve até um crime de morte (p. 178), fato que registra a chegada da violência no Beco na pequena cidade, resultante do progresso. E, inclusive, seu nome não impõe mais o respeito de outrora e, portanto, não consegue mais garantir a ordem no local: “Agora a coisa se resolve com a polícia. Trata os soldados a pão-de-ló, precisa deles. Tem confusão? Chama a radiopatrulha. Despejo é muito complicado” (p. 178).

Já em “Vertigem” a trajetória de Zé Pinto (e do Beco) é complementada. Nessa narrativa, a personagem Amaro retorna de São Paulo para Cataguases, como visitante, “melancolicamente velho, irremediavelmente doente” (p. 189), em busca de recuperar, no passado perdido, um amor de adolescência. A estrutura de “Vertigem” contém diversas interrupções que simulam a doença que dá título à narrativa. Em busca de Margarida, ele observa atentamente a cidade que tanto mudara. Ao chegar no Beco, onde morava antes da mudança para São Paulo,

Titubeante, começou a descer as escadas, mas parou de repente, enauseado com o fedor que parecia emanar do chão, como se num pântano de bosta, e viu-se envolvido por meninos e meninas tímidos, catarro escorrendo de narizes feridos, frangalhos de roupas, dois vira-latas perebas à mostra e frenéticos rabos sujos afugentando mosquitos (...) paredes desabadas, telhados caídos (p. 192).

E, nesse momento, Zé Pinto ressurge no romance. Agora, a partir dele, nenhuma ação. É observado (e não reconhecido) como descreve a passagem a seguir, como se fosse um objeto:

No quarto escuro, abafado, fedendo a mijó recente e azedo de restos de comida, imbecilizadamente sentado numa cadeira-de-rodas, abandonado a um canto, móvel sem utilidade, um cobertor imundo a lhe cobrir os gravetos de pernas, Zé Pinto, baba no canto da boca, o corpo penso, inerte (p. 192).

Amaro volta ao passado diversas vezes em sua peregrinação, relembrando infância e adolescência passadas no Beco:

(...) onde a cara que amedrontava os inquilinos, que chispava fogo sobre quem fosse, a mulher, os embrulhões, a polícia, os cobradores, os parentes, os ladrões, os espertos, as autoridades? Assustados, procurando em vão decifrar o que ocorria no lá-fora, sem língua para perguntar, sem ânimo para alevantar os braços, os olhos buscavam agarrar o visitante, como um afogado a inatingível corda, correnteza abaixo *lembra de mim, seu Zé, lembra? uma cacetada nas costas por pegar couve escondido um tiro-de-sal por roubar mangas maduras um tapa no pé-da-orelha para não perder o costume um cascudo por nada lembra?* (p. 192-193, grifos do autor).

Como resposta, Josemar, sobrinho de Zé Pinto, justifica que o tio aguardava a morte, sob seus cuidados, bem como a nova configuração do Beco e sua decadência, registradas em negrito:

*O médico falou que ele só não morreu ainda porque é uma fortaleza... o problema é que tive que largar meu emprego, ficar por conta... o senhor sabe, ele não deixou filhos... as coisas estão tudo embaralhadas... Recebi o encargo... família... o senhor entende... Também, não fosse, ele acabava perdendo tudo... O beco mesmo, nós só estamos esperando ele morrer pra derrubar as casas... não sei na época do senhor, outros tempos, mas agora é só marginal... barra-pesada... até na polícia metem medo...* (p. 193, grifos do autor).

E essas são as últimas informações sobre Zé Pinto no romance, que já previa o interesse dos sobrinhos e por isso “Não fez testamento. Há muito deixou de pagar imposto” (p. 186). Zé Pinto “sem amigos, compadres, parceiros, nem ninguém para lhe fechar os olhos na hora em que a indesejada encostar no batente da porta para anunciar o fim” (p. 186), assim como o próprio já havia indicado, e com a tentativa frustrada de Amaro em resgatar o passado, já que reencontra Margarida internada em um hospício de Juiz de Fora pelo diagnóstico com crise de nervos. Ela não o reconhece e grita por socorro. O diálogo confuso entre ambos é registrado em negrito. O romance termina com Amaro saindo do prédio ouvindo “**Socorro! ocorro! orro!**” (p. 202, grifos do autor).

A personagem Zé Pinto, portanto, aparece já na primeira narrativa-capítulo, vai se tornando mais ativa no decorrer do romance, apresenta sua trajetória em “Um outro mundo” e surge “coisificado” ao final do romance, em um recorte de tempo e espaço que vai das necessidades políticas e econômicas de uma “sociedade de trabalhadores” em formação até a predominância da violência no espaço urbano. No entanto, Zé Pinto não é mais ou menos importante em determinado momento do romance, já que nenhuma perspectiva se revela como autêntica. Ele possui uma importância para as outras personagens (seus inquilinos) pelo fato de preencher lacunas de instituições fundamentais para a formação social. Zé Pinto pode ser considerado como exemplar para as demais personagens de *O mundo inimigo*, pois sua trajetória concentra as três questões recorrentes no romance: precariedade, solidão e desintegração. Entretanto, Ruffato não transforma a personagem em herói da narrativa.

Essas questões reaparecem na representação dos sujeitos, visto que, no conjunto das narrativas, algumas personagens desejam sair da cidade em busca de melhores condições materiais, e, mesmo quando conseguem, não se encontram plenamente realizadas, principalmente pela quebra de laços afetivos, retornando, numa tentativa frustrada, em alguns casos; enquanto outros permanecem insatisfeitos em sua terra natal, independente do sexo, faixa etária, condição social... O passado (ou a infância), tantas vezes revisitado por Hélia, Luzimar, Gildo, Gilmar e Amaro, talvez nunca existiu do modo como eles o pensam hoje, pois, como já apontava Jorge de Lima, no poema que aparece como epígrafe ao romance, algumas naus não chegam ao seu destino simplesmente por já estarem podres desde o tronco da árvore a que pertenciam. Portanto, esse “mundo inimigo” em que vivem não foi ocasionado apenas pelo mundo do trabalho a partir da industrialização; ele perpetua-se, mesmo sendo provisório, em qualquer tempo ou espaço, desde o nascimento e perpassa pelas inúmeras mudanças da constituição do indivíduo.

E essas três questões aparecem também na forma romanesca, pois, Luiz Ruffato, ao constatar a impossibilidade de um relato autêntico da experiência, opta pelo fragmentário e abdica do realismo tradicional em um romance-mosaico que permite que as personagens, inseridas em um contexto urbano fora do eixo Rio-São Paulo, sejam vistas por diferentes perspectivas problematizantes, mas todas precárias. Talvez Ruffato utilize um romance fragmentado para representar a vida precária e esfacelada de suas personagens, porque, mesmo sem um final específico para cada narrativa-capítulo, outras histórias se iniciam como se para nenhum deles houvesse solução.

O espaço em que vivem as personagens também é precário por não possibilitar a existência de uma comunidade, pelo contrário, pois empurra-os para a desintegração no sentido

de afastarem-se de familiares e amigos, a caminho de melhores condições de vida, mas que resulta em solidão. Esses aspectos encontram homologias na forma de narrar fragmentada de Ruffato. Ao leitor não é dado conhecer com segurança as personagens que transitam ao longo das narrativas. É possível conhecer apenas fragmentos de suas vidas fragmentadas porque também as narrativas são precariamente conectadas. Os narradores que aparecem ao longo do romance não se apresentam como conselheiros dos possíveis leitores do texto, que, nesse sentido, também estarão sozinhos no trabalho de leitura e compreensão das narrativas de vida.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AZEVEDO, Aluísio (1890). *O Cortiço*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

CANDIDO, Antonio. “A personagem do romance”. In: *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

RUFFATO, Luiz. *O mundo inimigo*. Rio de Janeiro: Record, 2005. (Inferno Provisório, v. 2).

\_\_\_\_\_. *Inferno provisório*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.